



“A criação de abelhas dá resultado”: a experiência da família de seu Zito e Geane

Autor: José Pereira de Lira Neto

Coautores: Áurea Olímpia Figueiredo Rêgo; Zilma Rúbia Maximino.

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Apresentação

O trabalho de Manejo de base agroecológica vem sendo desenvolvido ao longo dos anos pela família de José Neves Correia e Geane Pereira de Lira Correia, no município de Salgado de São Felix, no Agreste Paraibano. A criação de abelhas nativas Jandaíra é uma tradição mantida pela família, passada de geração em geração. Neste relato, queremos apresentar as mudanças na propriedade e o trabalho desenvolvido para adaptação da abelha nativa, desde o plantio diversificado de plantas, árvores frutíferas e exóticas até os reservatórios de água. Estas práticas vêm fortalecendo não só a criação de abelhas, mas melhorando todo ecossistema da propriedade.

A família está inserida na dinâmica regional do Fórum de Lideranças do Agreste (FOLIA), composta por 16 municípios, entre eles Salgado de São Felix. O Folia é uma das dinâmicas que compõe a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB).

Contextualização da experiência



Salgado de São Felix está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião de Itabaiana. Município de clima Tropical Chuvoso, com verão seco, solo medianamente profundo, imperfeitamente drenados, com textura médio/argilosa, e moderadamente ácidos. Tem fertilidade natural alta e problemas de sais. Ocorrem ainda Afloramentos de rochas e está localizado na Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba.

O trabalho de manejo agroecológico de abelhas nativas é realizado pela família de José Neves Correia e Geane Pereira de Lira Correia, ambos nascidos no município de Salgado de São Félix, ele na antiga Fazenda Campos e ela no Sítio Covão. Os dois se casaram em 1990 e foram morar na Fazenda Campos, onde a família de Zito, como é conhecido, já trabalhava como assalariada. Zito era tratorista e o dono



da fazenda permitia que eles criassem porcos, galinhas, gado e colocassem roçados de algodão, feijão e milho. Com suas economias, no final dos anos 80, a família conseguiu comprar um terreno de 11 hectares em Canto Alegre, comunidade próxima. Zito lembra que o dono da Fazenda Campos já tinha interesse em se desfazer das terras, e quando houve a ocupação e o processo de desapropriação, por ele já ter a escritura da outra, nem chegou a participar do acampamento.

Desenvolvimento da experiência

Em 1994, nasceu o primeiro filho do casal, José Pereira de Lira Neto. Em 1998, foi o ano de nascimento do segundo filho, José Antônio Neves Correia, conhecido como Toni. Nesse mesmo ano, a família se mudou para Canto Alegre, reconstruíram a casa, que havia sido derrubada para a construção de coqueiras, em seguida, foram cercando a propriedade e realocando os currais. A família levou com eles a criação de abelhas. “Era uma coisa que meu avô, meu pai já faziam e eu fui aprendendo com eles”, diz Zito.



Hoje, após comprar áreas anexas, a terra já tem 28,5 hectares, onde plantam roçados de milho, feijão e ainda fruteiras para o consumo da família. O forte são as criações, que atualmente formam um rebanho de 35 cabeças de gado de leite, 10 caprinos e mais ou menos 100 galinhas, guinés e perus. O trabalho é feito pelos membros da família, que ainda se dividem entre outras atividades.

A criação de abelhas sem ferrão da raça Jandaíra já faz parte da família de Zito há muitos anos, desde os seus avós. Foi da Fazenda Campos que ele trouxe as primeiras colmeias. “Antes eu via o mel como remédio, aquilo de estar com tosse e tomar o mel. Hoje eu já vejo o mel como alimento, como uma forma de você tomar para já não adoecer, todos os dias eu tomo mel”, afirma Zito.



Na propriedade existem hoje cerca de 30 troncos ocos de árvores onde o agricultor cria as Jandaíras. Ele explica que para preservar a abelha rainha, é necessário observar o lado do tronco que elas entram e sempre fazer a retirada do mel pelos fundos, destampando o cortiço e retirando aos poucos, com cuidado com os fios da colmeia, “é como se a gente fosse pela cozinha delas”, brinca seu Zito. Ele ainda acredita que o tronco tem a vantagem de proteger mais a rainha, por seu formato interno, “é um labirinto

por dentro”, explica.

De acordo com o agricultor, para se ter uma boa produção de mel é essencial a disponibilidade de água e de vegetação. “Tem gente que sai por aí desmatando, a gente que tem abelha, que é apicultor, não. Aqui a gente tem a jurema, que até no verão tem flor, então não pode desmatar”, diz. Outra preocupação é com o não uso de qualquer tipo de veneno. “Se depender de mim, aqui não tem esse negócio de veneno. Porque se você pulverizar, a abelha vai para a flor e vai levar aquilo para a colmeia, prejudicando o mel”, afirma Zito.

Desafios

Seu Zito e o filho José Pereira, mais conhecido como Neto, contam que o maior desafio para manter a criação das abelhas nativas é a falta de água e consequentemente de alimentação para as abelhas produzirem o mel. Assim como a falta de investimento pelo poder público na criação de abelhas nativas, pois para a criação de abelhas Ápis, com ferrão, o governo tem feito grandes investimentos.

A estratégia da família é investir na plantação de pés de algaroba, juazeiro, jasmim, flores rasteiras, marmeleiro, fruteiras como cajarana, acerola e caju, além de conservar uma área com várias espécies de plantas da caatinga, o que permite a permanência no local com maior produção de mel. Outra estratégia para manter a produção de mel, é recarregar com carro pipa o barreiro da propriedade que fica próximo do apiário.

Para se manter distante da produção com veneno, seu Zito teve de convencer os vizinhos agricultores que ainda utilizavam defensivos químicos na plantação sobre os malefícios para a criação de abelhas. “Aos poucos eles foram percebendo que as abelhas estavam morrendo por conta do veneno utilizado, e foram aos poucos mudando o manejo”, diz Zito.

Principais resultados alcançados

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Segundo seu Zito, a criação de abelhas nativas e toda diversidade que construíram para poder mantê-la, tem feito com que a comunidade valorize mais a espécie e divulguem o produto. Hoje, Salgado de São Feliz tem um grupo com 07 apicultores que produzem mel de forma agroecológica. Atualmente, o grupo vende o litro de mel da Jandaíra a 100 reais, enquanto o da abelha Ápis é comercializado a 20 reais na região.

Antes do manejo agroecológico, a família tinha uma propriedade com pouca cobertura vegetal, escassez de água e solos degradados. Hoje a propriedade tem em média 10% de sua área preservada, com um ecossistema composto por plantas exóticas e frutíferas, além dos três reservatórios de água que mudaram a condições hídricas da propriedade.

Disseminação da experiência

Para o filho mais velho do casal, Neto, a experiência da família tem sido exemplo para outros agricultores e agricultoras no estado. Eles têm recebido vários intercâmbios na propriedade e, em 2018, apresentaram sua experiência no “II Seminário Estadual de Raças Nativas”, promovido pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA) e a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB).